

**MITTELSTAEDT, Wojciech. *A religiosidade como método terapêutico de recuperação de dependentes químicos: um olhar clínico*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2017.**

O início da defesa da tese de Wojciech Mittelstaedt, intitulada *A religiosidade como método terapêutico de recuperação de dependentes químicos: um olhar clínico* estava marcada para começar às 9.30 horas, mas devido ao atraso de um dos professores e aos problemas com notebook, que teimava em não funcionar, só começamos às 10.15 horas da manhã de 29 de setembro. Defesa com sala cheia não só pelo tema, como também pela solidariedade dos amigos e amigas de Wojciech Mittelstaedt, rebatizado pelos colegas de curso de Adalberto. A cerimônia de defesa terminou só às 14 horas, pois o debate se prolongou.

Nesta *Resenha* participo com os leitores as anotações feitas para o diálogo com Mittelstaedt e também outras considerações de colegas da banca.<sup>1</sup>

### **Observações gerais.**

O leitor tem em mãos uma tese minuciosa, reveladora das veredas percorridas pelo autor na busca de uma compreensão do problema da drogadição; atual e desafiadora, pois não é nada simples defender e justificar a inclusão da religiosidade como método terapêutico. Tese que vem suprir uma carência de pesquisas relacionadas com o papel da religiosidade nos processos de recuperação dos dependentes químicos.

Mittelstaedt apresenta assim seu trabalho: *a presente pesquisa procura ilustrar as especificidades do processo de recuperação da dependência química na comunidade terapêutica de cunho religioso, onde a religiosidade incentivada e vivenciada se torna a ferramenta principal na luta contra a dependência* (2017, p. 5).<sup>2</sup>

Tese reveladora da mente analítica do candidato que transita com naturalidade por complexas teorias no campo psicológico, articulando-as de maneira coerente e coesa.

<sup>1</sup> Participaram da banca os professores (a) doutores: João Edênio Reis Valle (Orientador), Geraldo José de Paiva, José J. Queiroz, Fátima Regina Machado e Ênio José da Costa Brito.

<sup>2</sup> Passaremos a indicar apenas as páginas da Tese que, em breve, estará disponível na Biblioteca Central da PUCSP.

Os dados de uma *Introdução* consistente estão presentes na *Introdução*: motivação pessoal, objeto de estudo delimitado e problematizado (é verdade que há até um excesso de problematização), hipótese e metodologia de trabalho. Particularmente, gostei das três hipóteses que apresento em seguida para preservar a especificidade de cada uma delas e partilhar com os leitores os desafios que o autor se propõe a resolver.

As transformações e o amadurecimento da religiosidade, acontecidos no processo de recuperação de dependentes químicos, influenciaram diretamente o desenvolvimento motivacional e, desse modo, ajudam no abandono do vício. A religiosidade trabalhada e madura tem um papel importante no processo de integração psíquica, ajudando o adicto compreender a sua condição de ser dependente químico, aderindo melhor ao processo de abandono do vício, levando-o a mais responsabilidade sobre a própria vida. Uma religiosidade firme e bem formada pode oferecer para o adicto um novo sentido existencial e satisfação de vida e, assim, protege-o contra decisões que podem leva-lo à recaída (p. 20).

Muito positivo da parte do autor ter apresentado logo na abertura da tese as críticas relativas ao modelo religioso e sua utilização na luta contra a dependência química (p. 51). Apreciei também o *Sumário*, completo e muito bem articulado, como o *Resumo*, igualmente bem feito. Geraldo Paiva sugeriu completar as palavras chave acrescentando: *terapia e comunidade terapêuticas* (PAIVA, 2017, p. 2).<sup>3</sup>

### **Revistando a estrutura da tese.**

Mittelstaedt organizou sua tese em três partes, respectivamente: *Revisão da Literatura*, composta pelos dois primeiros capítulos; *Dados empíricos* também com dois capítulos e *Análise dos Dados*, com um capítulo.

No capítulo primeiro intitulado *Dependência das substâncias psicoativas: problemas e soluções*, depois de oferecer dados para uma compreensão mais matizada da dependência química (isto é, o que é a dependência química), enumeram-se os problemas, em especial, a vulnerabilidade, problemas mentais e sociais, para apontar, em seguida, os elementos protetores do uso das substâncias psicoativas, fatores que ajudam prevenir a drogadição.

A drogadização, como problema existe na nossa sociedade já algum tempo, principalmente com a droga mais popular - o álcool. O uso de outras substâncias psicoativas era muito restrito aos pequenos grupos que ti-

<sup>3</sup> PAIVA, Geraldo José de. A religiosidade como um método terapêutico de dependentes químicos. Texto Mimeografado, 2017.

nham acesso a elas. Nas últimas décadas, a partir dos anos setenta do século XX, o uso dessas drogas se popularizou. Nos últimos anos, o grande impacto provocado pela drogadição na sociedade, colocou o problema de uso de drogas em destaque e despertou o interesse pelas soluções urgentes (p. 44-45).

O capítulo informa, explicita e aponta os problemas relacionados com a drogadição. Tomamos também conhecimento de que Mittelstaedt começou o atendimento terapêutico dos dependentes químicos desde o término de sua formação em Psicologia e continuou fazê-lo por cerca de oito anos. Dado que desperta no leitor uma curiosidade: Mittelstaedt tinha já de início, a intenção de realizar uma pesquisa acadêmica que culminasse no doutorado, ou o interesse pela pesquisa surgiu ao longo dos anos e, talvez, em anos recentes? Questão a que ele respondeu que seu interesse em fazer o doutorado era recente.

Ao longo do capítulo, enumeram-se alguns pré-requisitos para se compreender o problema e combatê-lo, levantei cinco são eles: tratar o problema da drogadição na sua complexidade; partir do sujeito usuário de drogas; ver na drogadição uma necessidade do indivíduo barrado pela incapacidade pessoal ou pelo ambiente social; a prevenção deve ter presente as dimensões físicas, psíquicas, cognitivas, afetivas e políticas e a luta contra a drogadição deve envolver toda a sociedade e suas instituições.

Um tópico que despertou minha atenção: transtornos mentais podem ocorrer: no período de intoxicação e no período de abstinência. Mittelstaedt está consciente de que não é fácil caracterizá-los, diagnosticá-los e tratá-los.

A dificuldade de diagnosticar um usuário de drogas, vem da incerteza, se os sintomas apresentados são decorrentes da situação atual( intoxicação ou abstinência) ou se é um quadro permanente. Por exemplo, os sintomas de psicose induzida por droga (alucinações, etc .) podem ser facilmente confundidos com quadros de esquizofrenia. Porém, muitas vezes, junto com transtorno por uso de suma substância coexistem os diversos transtornos mentais, que não são mais induzidos pelas substâncias, mas representam transtornos adicionais (p. 39).

Portanto, o diagnóstico, o tratamento e o prognóstico colocam dificuldades e possibilidades. Para o autor, o diagnóstico só pode ser adequado depois de um tempo de abstinência (p. 42).

O capítulo enfatiza algumas relações: a relação droga e violência; prevenção e religiosidade e religiosidade e resiliência.

*Religiosidade e psique humana: aspectos motivacionais e sentido de vida* é o título do segundo capítulo nele o autor realiza um movimento teórico em torno do conceito de religiosidade, que pode ser assim descrito como uma circunvolução (p. 55). A cada volta colhe um dado significativo. Na primeira: a influência da religiosidade na psique humana; na segunda; as interpretações da

religiosidade nas teorias psicológicas; na terceira: as mudanças da religiosidade no processo de desenvolvimento psíquico individual e na construção da personalidade; na quarta a contribuição da religiosidade na construção do sentido existencial e na quinta: a influência da religiosidade no bem estar psíquico e na **satisfação da vida**.

A profusão de teorias apresentadas por Mittelstaedt aponta para a extrema complexidade das relações entre religiosidade e psique humana, mas deixa o leitor um pouco perplexo. Paiva teve a mesma impressão, diz ele:

Inicialmente, fiquei preocupado com a multiplicidade de teorias apresentadas e utilizadas pelo doutorando: apego, atribuição, *coping* e contribuições da psicologia positiva. As diversas perspectivas teóricas são apresentadas em seus traços essenciais e posteriormente utilizadas na análise dos casos. Como conciliar pontos de partida e de vistas tão diversos? Dei-me, então, conta do pequeno subtítulo que segue os dois pontos do título: um olhar clínico. Com isso minha preocupação se amenizou, pois é aceito, que, diante dos casos concretos, o clínico goza de maior versatilidade do que o pesquisador. Com efeito, o clínico se depara com grande variedade de problemas psicológicos e, embora possa consistentemente apegar-se a uma única perspectiva teórica, por exemplo, a psicanalítica ou a comportamental, precisa ter a sensibilidade para valer-se de recursos teóricos, complementares ou alternativas a fim de acudir à pessoa que atende (PAIVA, 2017, p. 2).<sup>4</sup>

Uma constatação antes de passar para o terceiro capítulo, o autor passa muito rapidamente sobre uma afirmação de Pargament que pede uma maior explicitação: a oração como um costume religioso de controle (p. 80).

Aponta uma questão importante ao refletir sobre o papel da religião na teoria da atribuição (p.79), tendo presente que as atribuições dependem das características do atribuidor, do contexto do atribuidor, das características do acontecimento e do contexto do evento (p. 80), como nos lembra Geraldo Paiva. Ela responde às necessidades psíquicas do indivíduo, as pessoas fazem atribuição religiosa, principalmente quando as explicações não religiosas parecem não responder às inquietações (p. 79).

Menciona, ainda, a importância do *coping* nas suas duas formas a positiva e a negativa (p. 83) e nos lembra que a força psíquica do *coping* religioso é essencial para muitas pessoas.

As conclusões das pesquisas sobre o enfrentamento religioso mostram que esse recurso é muito usado pelas pessoas, e os profissionais da área de saúde mental devem procurar reconhecer esse fato. A força psíquica alcançada pelo *coping* religioso é essencial para muitas pessoas e, muitas vezes, é a única forma de receber apoio em situação de crise (p. 83).

<sup>4</sup> Tivemos acesso as pertinentes considerações tecidas por Geraldo Paiva, o que nos possibilitou recorrer a elas nesta Nota Bibliográfica.

No capítulo terceiro, somos introduzidos no *Cenário da Pesquisa* através da descrição do espaço físico da Fazenda Esperança em Iguape, onde a pesquisa foi realizada. Em seguida, apresenta brevemente a história, organização e carisma da comunidade Terapêutica Fazenda da Esperança, que realiza o acompanhamento psicoterápico dos dependentes químicos. O autor finaliza o capítulo com uma sucinta narrativa de sua prática na Fazenda Esperança, em Iguape.

O capítulo deixa claro que é uma comunidade empenhada em resgatar a *cidadania* dos dependentes químicos (p.100); em resgatar a dignidade dos adictos (p.101). Em 2013, visitei a Fazenda do Sol em Campina Grande na Paraíba, que acolhe também dependentes químicos, sob a coordenação dos Padres Passionistas. Comparando as dinâmicas vejo que o capítulo dá uma boa ideia de como funciona uma Comunidade Terapêutica, como a fazenda Esperança.

Wojciech Mittelstaedt ao apresentar o trabalho realizado na comunidade Esperança de Iguape, menciona o fato de ser padre católico. Para Paiva,

é sempre delicado assumir dois papéis, o de sacerdote e o de psicoterapeuta. O sacerdote lida com a fé e a teologia; o terapeuta com a psique e com sua ciência secular. A pessoa atendida unifica nela as duas realidades e pode preferir um atendimento que leve em conta a ambas. Nesse caso, a assunção do duplo papel fica mais fácil e mais defensável (2017, p.1).

Mittelstaedt não esconde para os dependentes o fato de ser padre, mas sabe que não pode misturar os dois papéis.

Conforme o Manual das Comunidades Terapêuticas (CT), preparado pelos Conselheiros do Conselho Estadual de Políticas Sobre Drogas (CONED) do Estado de São Paulo, a convivência nas CTS é orientada por três princípios: laborterapia, conscientização e espiritualidade.

Os trabalhos devem ter um caráter terapêutico, ajudando a desenvolver a autonomia, organização e responsabilidade nas atividades da vida diária e prática. A conscientização auxilia *despertar no residente a percepção de hábitos, comportamentos, pensamentos e sentimentos que comprometem a sua qualidade de vida* e a espiritualidade ajuda a alcançar a plenitude da sua relação com o seu bem-estar espiritual na forma como cada um concebe (SÃO PAULO, 2014, p. 60).<sup>5</sup>

No Brasil, as Comunidades Terapêuticas nos últimos anos se tornaram uma opção barata e mais acessível de tratamento ao dependente químico,

<sup>5</sup> SÃO PAULO (Estado). Manual de Orientação para Instalação e Funcionamento das Comunidades Terapêuticas no Estado de São Paulo. Conselheiros do conselho Estadual de Políticas Sobre Drogas. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.cvs.saude.sp.gov.br/zip/Manual%20Ineiro.pdf>>

mas tem ocorrido problemas. O diálogo necessário entre o Conselho Federal de Psicologia e as Comunidades Terapêuticas tem avançado muito lentamente no Brasil (p.103)

No atendimento realizado na Fazenda Esperança em Iguape, o autor pode *perceber a interligação entre questões psíquicas e espirituais* (p. 122). Ao comentar: sobre o valor da religiosidade destaca a busca por forças fora da própria fragilidade em Deus, e pelo sentido de pertencimento que oferece apoio do grupo religioso. Paiva observa que:

Nem sempre a religiosidade liberta a pessoa da dependência química, ou de qualquer outra. Nesse caso fica realçada a natureza da religiosidade: ela não é instrumento para a solução dos problemas, mas é capaz de incluir o problema em sua esfera (2017, p. 2).

*Experiência Clínica – especificidades da dinâmica religiosa em quatro casos* é o título do quarto capítulo; nele o autor informa sobre os casos clínicos: Jó (35 anos); Hulk (23); Saulo (35) e Sileno (35) todos de classe média, com predomínio de média-baixa. Histórias dolorosas para os envolvidos e também para a família. A questão da religião / religiosidade é uma constante nos quatro casos, guardando especificidades.

O perfil do capítulo quinto, *Análise dos dados* é de um escoadouro, no qual apresenta as mudanças ocorridas no tratamento religioso dos dependentes: na leitura existencial; nos métodos de enfrentamento; adaptados para o novo entendimento da realidade e nos objetivos gerais que levam a determinado nível de satisfação de vida, priorizando as alterações de sentido geral da vida e as modificações psíquicas.

Capítulo metucioso, que explicita as várias incidências do tratamento na vida dos dependentes: amplia a compreensão religiosa, auxiliando na percepção de como *as coisas negativas acontecem* (p. 159); aumenta de maneira expressiva o enfrentamento religioso no controle e domínio de si (p. 161); a religiosidade traz conforto espiritual mais amplo (p. 162); o processo de recuperação aumenta a quantidade das formas de enfrentamento, possibilitando receber o apoio mais amplo, nas mais diversas situações (p.164) e os valores religiosos assumidos no processo de tratamento fornecem os elementos motivacionais para o abandono do vício (p.172).

Mittelstaedt conclui que os ensinamentos religiosos correspondam às emoções positivas e, nos casos apresentados, a sua prática aumenta o bem estar. Ao mesmo tempo, podemos verificar que os valores religiosos assumidos no processo de tratamento fortalecem os elementos motivacionais para abandono do vício (p. 172).

## Conclusão.

Pensando nos efeitos dos atendimentos nas imagens de Deus dos dependentes e nas transformações da religiosidade, vale lembrar que a imagem de Deus apresentada pelos dependentes foi a imagem trazida pelos colonizadores: um Deus distante, que tudo via e controlava, sempre pronto a punir. Um Deus que retira a vida do *povo*.

Para Mittelstaedt a constituição do sentimento de confiança diante de Deus no processo de recuperação, reflete diretamente na abertura diante de outras pessoas. Desse modo, a religiosidade seria uma releitura das experiências afetivas vivenciadas na infância (p. 154). Hipótese instigante que pede mais pesquisas.

Outra temática que merece ser ampliada é a da conexão entre religiosidade e recuperação, tomando-se a religiosidade como método, a tese apresentou algumas veredas que podem ser mais testadas.

Mittelstaedt ao referir à religiosidade deixa claro que não é apenas a católica, mas também a evangélica, a budista e todas as outras. Cabe aqui uma questão levantada por Geraldo Paiva: *Terá encontrado, entre os atendidos na terapia, alguém com sadia espiritualidade secular* (2017, p. 2). Certamente, uma comparação entre espiritualidade religiosa e espiritualidade secular, poderia esclarecer um pouco mais o papel da religiosidade na recuperação da dependência e, além disso mostrar a resiliência das pessoas.

O binômio: Droga / Família, pela importância em todo o processo de recuperação, pode ser bem mais explorado, pois a família é a primeira vítima da desestruturação.

O autor acerta em cheio ao aludir a esperança, nome da própria instituição onde foi feita a pesquisa (Fazenda Esperança), virtude de fundamental importância no processo de recuperação.

*A religiosidade como método terapêutico de recuperação de dependentes químicos* pode ser lida por especialistas e também pelo público em geral que se interessa por esta questão, tão presente na nossa sociedade e que pede a contribuição de todos na lenta, mas necessária solução. Saber da importância da religiosidade no processo de recuperação pode ser de ajuda para os que estão envolvidos com o tratamento dos dependentes. Finalizo com as palavras do autor: *a pesquisa verificou a influência positiva da religiosidade no processo de recuperação, aumentando a resistência do dependente e fornecendo vários elementos protetores* (p. 5).

Ênio José da Costa Brito<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Ênio José da Costa Brito é doutor em teologia, professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, PUCSP, coordenador do Grupo de Pesquisa *Veredas: O imaginário religioso Brasileiro*, reconhecido pelo CNPq, vice-coordenador do CECAFRO e editor da Revista Último Andar- PUCSP, e professor no ITESP.